

A Rede de Cooperação Entre Programas de Pós-Graduação em Administração no Brasil. Uma Análise de Relações e Atributos de Programas.

Autoria: Tomas de Aquino Guimaraes, Adalmir de Oliveira Gomes, Catarina Cecilia Odelius, Claudio Zancan, Ariane Agnes Corradi

Resumo

O objetivo deste artigo consistiu em investigar relações e a influência de atributos de programas de pós-graduação em Administração brasileiros na formação da rede de cooperação entre esses programas. Foram analisadas as forças das relações de cooperação entre esses programas em sete atividades: (1) pesquisas conjuntas, (2) produção intelectual compartilhada, (3) realização de eventos científicos, (4) disciplinas compartilhadas, (5) intercâmbio de professores, (6) intercâmbio de estudantes, e (7) participação em comissões examinadoras, atividades essas que foram associadas com características dos programas. O estudo teve como base teórica a abordagem de Redes Sociais. Os dados primários foram coletados, em 2007, por meio de questionário eletrônico, cujo *hyperlink* foi enviado por *e-mail* aos coordenadores de 58 programas, dos quais, 32, cerca de 55% do total, responderam à pesquisa. Os resultados indicam que nas atividades verificadas, as ligações entre os programas são esparsas e, na maioria das vezes, fracas. Os resultados também indicam que a localização geográfica e as linhas de pesquisa dos programas são importantes na definição da estrutura da rede, sendo que as linhas de pesquisa mais compartilhadas entre os programas que mantém relacionamento são Organizações & Comportamento Organizacional, e Estratégia.

Introdução

A abordagem de Redes Sociais pressupõe que organizações tendem a interagir mais intensamente com outras organizações similares, sendo que essa interação facilita a transmissão de conhecimentos tácitos, simplifica a coordenação e evita conflitos potenciais. Por outro lado, essa interação pode resultar em canais de comunicação restritos e redundantes que acabam limitando a capacidade de inovação das organizações envolvidas na rede (BURT, 1992). A similaridade entre organizações, geralmente, favorece a formação de grupos numa rede de cooperação interorganizacional. Essa similaridade pode ser representada por diferentes fatores, como por exemplo, proximidade geográfica, compartilhamento de crenças e atitudes, grau de interação, ligações afetivas entre os atores das organizações, natureza e *status* da organização (SCOTT, 1995).

Esta pesquisa teve como objetivo investigar relações e a influência de atributos de programas de pós-graduação em Administração brasileiros na formação da rede de cooperação entre esses programas. As relações entre os programas foram caracterizadas com base em sete atividades, todas relacionadas com o processo e com resultados inerentes à pós-graduação: (1) pesquisas conjuntas, (2) produção intelectual compartilhada, (3) realização de eventos científicos, (4) disciplinas compartilhadas, (5) intercâmbio de professores, (6) intercâmbio de estudantes e (7) participação em comissões examinadoras. Essas atividades foram escolhidas em função de sua relevância na avaliação de desempenho de programas de pós-graduação realizada pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Além dessas relações foram, também, incluídos na análise os seguintes atributos dos programas: (1) tipo de instituição de ensino superior (IES) à qual o programa se vincula, se IES pública ou particular; (2) conceito na CAPES, (3) localização geográfica e (4) linhas de pesquisa.

A pós-graduação em administração teve início no Brasil em 1967, com o curso de mestrado em Administração da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ). Na década de 1970 foram criados oito cursos de mestrado em Administração: no Distrito Federal, e nos estados de Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de

Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. Ainda nessa década foram criados três cursos de doutorado em Administração, sendo dois no estado de São Paulo e um no estado do Rio de Janeiro. Em fevereiro de 2007, quando este estudo foi desenvolvido, estavam em funcionamento no Brasil 58 programas de pós-graduação em Administração, distribuídos em 16 unidades da federação (CAPES, 2007).

A justificativa de realização deste estudo está em identificar como diretrizes e requisitos de qualidade da pós-graduação definidos pela CAPES influenciam a estruturação de rede de cooperação entre programas de pós-graduação nesta área de conhecimento no Brasil. Em termos de produção científica brasileira, apenas o estudo de Rossoni et al. (2006), que descreve aspectos estruturais da cooperação entre pesquisadores na produção intelectual, foi identificado na revisão de literatura a respeito de redes de programas de pós-graduação na área pesquisada. Contudo, o presente estudo difere quanto ao método, por ter utilizado dados primários, e quanto à amplitude das variáveis mensuradas. Diante disso, o presente trabalho contribui para o avanço do conhecimento, por fornecer dados para discussão de características da rede de cooperação de programas de pós-graduação no Brasil.

Abordagem de Redes Sociais em Estudos Organizacionais

Em estudos organizacionais a abordagem de redes vem sendo utilizada geralmente como método de análise e o conceito passou a ser empregado no entendimento de estratégias empresariais – sejam essas de competição ou de cooperação (BORGATTI; FOSTER, 2003; MIZRUCHI, 2006). Nesse sentido, organizações são tomadas como atores imersos em estruturas sociais. Nelson (1984) assume o conceito de redes sociais como um conjunto de contatos formais ou informais, fortes ou fracos, freqüentes ou raros, emocionais ou puramente utilitários, que ligam vários atores. Por sua vez, Burt (2004) trata o termo ‘rede’ como um conjunto de atores ligados por relações sociais de um tipo específico.

Katz et al. (2004) propõem a observação de cinco princípios para o estudo de redes: a) o comportamento de um ator pode ser explicado em função da rede de relacionamentos na qual se encontra imerso; b) o foco de análise deve ser o relacionamento entre as unidades de uma rede e não os atores em separado; c) a interdependência entre os atores de uma rede deve ser assumida como um pressuposto; d) o fluxo de informação e de recursos entre dois atores não depende apenas do relacionamento entre esses atores, mas sim do relacionamento entre todos os outros atores da rede; e) as fronteiras entre as redes não são claras.

Existem quatro elementos fundamentais na análise de redes: os nós, as posições, as ligações, e os fluxos. Os nós podem ser definidos como os pontos ou atores que compõem a rede. As posições definem as localizações dos pontos no interior de uma estrutura. As ligações determinam o grau de densidade ou de difusão relativo aos atores da rede. Por fim, os fluxos, tangíveis ou intangíveis, indicam a troca de recursos, informações, bens, serviços e contatos em uma rede (WASSERMAN; FAUST, 1994).

As relações numa rede são entendidas entre pares de atores, diferentemente da estrutura e do posicionamento, onde todos os atores são levados em consideração. Há várias maneiras para identificar os padrões que descrevem a estrutura e as relações entre organizações que compõem uma rede, entre as quais estão: a) tamanho da rede; b) densidade; c) subgrupos; d) centralidade; e e) força das ligações.

No que se refere ao tamanho da rede, percebe-se que a delimitação de fronteiras da rede é uma das dificuldades encontradas por estudiosos da área, principalmente quando o foco de análise está em toda a rede. Nesse sentido, Laumann et al, (1989) definiram três formas genéricas de atribuir limites a uma rede: por meio de características dos atores ou critérios formais de relacionamento; por meio de um evento aglutinador da participação de atores em classes de atividades; e/ou, por meio de uma perspectiva relacional com base na conectividade social. Como exemplo da aplicação do primeiro critério, há o estudo de Krackhardt (1990),

que estabeleceu como fronteira para a rede estudada, os empregados de uma organização formal. Quanto ao segundo critério, Freeman e Webster (1994) adotaram como fronteira da rede analisada as pessoas que freqüentavam regularmente determinado evento durante o período do estudo. Exemplificando a terceira forma de definição de fronteiras numa rede, Doreian e Woodard (1992) definiram uma versão específica de abordagem relacional, denominada de seleção expandida, na qual a lista inicial de interações na rede era paulatinamente incrementada com a adição de novas ligações.

Desse modo, o tamanho de uma rede pode ser entendido como o total de ligações efetivas (relações reais) existentes em um determinado grupo de atores sociais. Segundo Scott (2000), o tamanho é um critério fundamental na identificação dos padrões estruturais da rede, uma vez que todos os demais critérios de análise estrutural são calculados a partir desse indicador (i.e., densidade, distância geodésica e diâmetro da rede).

A densidade de uma rede, segundo Granovetter (1985), representa o quociente das ligações efetivamente existentes e o total de ligações possíveis entre os atores da rede. Em outras palavras, pode-se dizer que a densidade é um índice do potencial de comunicação entre as partes da rede, possibilitando identificar a quantidade e os tipos de informação que podem ser trocados. A densidade é uma propriedade estrutural da rede e está associada ao grau de interconexão entre os atores; quanto maior a interconexão, maior a densidade (GRANOVETTER, 1985). Gnyawali e Madhavan (2001) destacam três características das redes densas: a) facilitam o fluxo de recursos, principalmente informação; b) funcionam como sistemas fechados de confiança, gerando mais facilmente comportamentos similares; c) facilitam a atribuição de sanções. Esses autores destacam que, ao contrário das redes densas, as redes difusas se caracterizam por um baixo nível de interconexão dos atores e estão associadas ao acesso a novas informações, principalmente em decorrência do caráter não redundante das relações que a compõem (GNYAWALI; MADHAVAN, 2001). Para DiMaggio (1991), a densidade das relações entre as organizações de uma rede também pode ser interpretada como o grau de interconexão do campo organizacional ou de parte de um campo. Para esse autor, devido à propensão de surgimento de canais de troca de informações e recursos nas redes altamente interconectadas, com respectivo aumento da facilidade de difusão de normas e valores, tende-se a uma maior conformidade organizacional com as demandas e requerimentos institucionais.

Contudo, grande parte das análises de redes de cooperação atém-se ao estudo de subgrupos dentro da rede. Como explicam Wasserman e Faust (1994), existem diferentes abordagens na análise dos subgrupos. Uma dessas abordagens enfatiza a reciprocidade das ligações entre os atores. Assim, em um subgrupo coeso todas as escolhas são mútuas. Pode-se pensar num subgrupo como um conjunto de atores onde todos escolhem a todos como pares em suas ligações. Outra abordagem, ao considerar o conceito de subgrupo restrito por não reconhecer a coesão de um grupo na falta de uma única ligação, direciona o foco para a acessibilidade dos atores, medida em termos de distâncias geodésicas e diâmetro. Subgrupos de uma rede são denominados na literatura de *cliques*. O termo é originário da teoria matemática dos grafos com diversas definições e aplicações nas ciências sociais. Uma dessas definições pontua que os *cliques* de uma rede são os subgrupos formados por três ou mais atores (WASSERMAN; FAUST, 1994). *Cliques* são fortes quando há reciprocidade entre todos os atores; ou fracos quando as relações não recíprocas são tratadas como tal para efeito de análise (SCOTT, 2000).

Por sua vez, a centralidade pode ser considerada a medida da quantidade de ligações existentes entre os atores da rede (WASSERMAN; FAUST, 1994). Colocado de outra forma, a centralidade diz respeito ao grau em que um ator está envolvido nas relações da rede e a acessibilidade que apresenta. Segundo Galaskiewicz e Burt (1991), a centralidade não se confunde com prestígio, apesar de estarem associados. Enquanto o grau de centralidade é necessariamente calculado, considerando todas as relações do sistema, o prestígio incide em relações assimétricas, ou mesmo em relações profundas. Para esses autores a centralidade

pode ser mais importante que o prestígio quando se trata da disseminação de inovações. Os atores de uma rede podem ser classificados em centrais e periféricos, conforme o nível relativo de centralidade que apresentam. Galaskiewicz e Burt (1991) pontuam que os primeiros são aqueles que ocupam o centro da rede, envolvem-se em relações mais importantes, possuem mais controle sobre os recursos disponíveis, e, por estarem estrategicamente posicionados, são mais visíveis. Em contraste, os periféricos possuem poucas relações e geralmente se escondem no anonimato, embora apresentem a vantagem relativa de um grau maior de autonomia (GALASKIEWICZ; BURT, 1991).

Na abordagem de redes, os estudos relativos a grupos constituem uma área bem estabelecida, com raízes na psicologia social clássica. Sua preocupação principal é entender o papel de diferentes mecanismos na formação de grupos numa rede, por exemplo, a proximidade geográfica, as similaridades de crenças e atitudes, o grau de interação, e as ligações afetivas entre os atores (KATZ et al., 2004). De acordo com esses autores similaridade é o critério chave nesse tipo de estudo, onde os atores de uma rede, ao se perceberem similares em determinado aspecto, tendem a se relacionarem com mais intensidade. Uma explicação complementar sugere que, em termos gerais, pode-se esperar maior homogeneidade entre atores sociais que estão frequentemente em contato ou que estão conectados por intermediários (FRIEDKIN, 1984). Para Collins (1988, p.416), “quanto mais forte a ligação de um ator a determinado grupo social, maior a possibilidade de esse ator ser influenciado por padrões do grupo”.

Estudos sobre o tema têm focalizado o efeito de similaridades no comportamento e no desempenho de grupos de organizações. Os efeitos positivos na interação exclusiva com atores similares podem ser observados nos estudos de Cross et al. (2001), Ancona e Caldwell (1992), e Pelled et al. (1999). Exemplos sobre os efeitos negativos desse tipo de interação podem ser observados nos estudos de Krackhardt e Stern (1988), Ibarra (1992), e Reagans e Zuckerman (2001). As conclusões são diversas: se por um lado, interagir exclusivamente com atores similares facilita a transmissão de conhecimentos mais complexos (CROSS et al., 2001), simplifica a coordenação (ANCONA; CALDWELL, 1992) e evita potenciais conflitos (PELLED et al., 1992); por outro, limitar a comunicação com atores diferentes pode promover disputas internas e impedir o grupo de obter benefícios da diversidade (KRACKHARDT; STERN, 1988).

Metodologia

Este estudo é caracterizado como exploratório, censitário e de corte transversal, sendo o nível de análise o nível interorganizacional e as unidades de análise, programas de pós-graduação. A sua operacionalização compreendeu dois momentos. No primeiro momento foi enviado *e-mail* aos coordenadores dos 58 programas de pós-graduação em funcionamento em fevereiro de 2007 e disponibilizado via *hiperlink*, durante o período de fevereiro a maio de 2007, o questionário da pesquisa. Os coordenadores foram escolhidos como respondentes da pesquisa por se considerar que esses atores, em função da posição estratégica ocupada, possuem uma visão abrangente dos relacionamentos estabelecidos entre o próprio programa e outros programas, constituindo, portanto, um grupo de respondentes qualificados para participar da pesquisa. Trinta e dois desses coordenadores responderam à pesquisa.

Para determinar a estrutura da rede pesquisada, foram identificadas as relações estabelecidas entre os programas nas seguintes atividades: (1) pesquisas conjuntas, (2) produção intelectual compartilhada, (3) realização de eventos científicos, (4) disciplinas compartilhadas, (5) intercâmbio de professores, (6) intercâmbio de estudantes e (7) participação em comissões examinadoras. Como forma de evitar distorção na caracterização das atividades pesquisadas junto aos programas, adotou-se o método de parametrização pelos mínimos (WASSERMAN; FAUST, 1994), que confirma a existência de uma relação apenas

quando a indicação é recíproca. Ou seja, considerou-se a existência de relação entre dois programas, apenas quando os dois coordenadores dos programas indicaram a relação.

Em seguida, foram mensurados o tamanho e a densidade da rede, a quantidade de subgrupos existentes, centralidade dos programas e a força das ligações. É importante mencionar que a força da ligação entre programas foi estabelecida de maneira gráfica, com obediência aos seguintes parâmetros: uma única atividade compartilhada entre dois programas foi considerada uma relação fraca; entre duas a quatro atividades compartilhadas, considerou-se como relação mediana; e mais de quatro atividades compartilhadas, considerou-se como relação forte. As análises das respostas obtidas nos questionários foram realizadas com auxílio dos *softwares* Ucinet 6 e Net Draw (BORGATTI et al., 2002).

No segundo momento do estudo (entre maio e julho de 2007), foram pesquisadas as páginas eletrônicas dos programas de pós-graduação participantes e da CAPES, visando identificar os seguintes atributos dos programas: (1) localização geográfica, definida com base nas cinco regiões do país – Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul; (2) tipo de instituição, indicando se o programa é vinculado a IES pública ou particular; (3) conceito do programa, conforme classificação da CAPES: 3 (Regular), 4 (Bom), 5 (Muito Bom), e conceito 6, que indica programa com todas as qualificações do conceito 5 e inserção internacional^h e; (4) linhas de pesquisa, com base na seguinte lista: a) Administração Pública, b) Agronegócio, c) Estratégia, d) Finanças & Administração Financeira, e) Gestão de Pessoas, f) Gestão Internacional, g) Gestão Social & Ambiental, h) Inovação & Tecnologia, i) Marketing, j) Operações & Logística, k) Organizações & Comportamento Organizacional, l) Sistemas de Informação.

Essa lista de 12 linhas de pesquisa foi elaborada utilizando-se, com adaptações, os títulos das divisões acadêmicas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), disponível em ANAPD (2008), e consultas às páginas na internet dos programas participantes da pesquisa. Em algumas situações, como Gestão Internacional e Gestão Social & Ambiental, os títulos das linhas estão mais próximos de áreas temáticas do EnANPAD do que de divisões acadêmicas daquela associação. As atribuições das linhas de cada programa foram feitas com base na leitura do conteúdo de cada linha, disponível nas páginas consultadas e, sendo assim, não correspondem, necessariamente, aos títulos das linhas de cada programa. Ademais, há páginas de programas que em vez de descrever linhas de pesquisa descrevem temas, projetos e grupos de pesquisa.

Para apresentar os resultados da pesquisa, além de tabelas e quadros, foram elaboradas duas figuras: a primeira mostra os resultados das ligações e a formação de grupos regionais entre os programas; e a segunda apresenta as ligações, a natureza da IES, pública ou particular, e o conceito dos programas pesquisados. A análise desenvolvida segue no próximo tópico.

Resultados e Discussão

Foram identificadas as relações recíprocas entre os 32 programas que responderam à pesquisa, de maneira a estabelecer uma estrutura da rede de cooperação investigada. A Tabela 1 apresenta o número de programas com relações recíprocas de acordo com cada atividade pesquisada. Ressalta-se que 26, cerca de 81% dos 32 programas pesquisados tiveram, pelo menos, uma relação recíproca confirmada, enquanto seis programas não tiveram nenhuma relação confirmada.

Os resultados da Tabela 1, embora representem a percepção de coordenadores de programas e não necessariamente dados documentais, revelam a fraqueza das relações entre os programas pesquisados e, conseqüentemente, da rede de cooperação desses programas. Isso é preocupante porque essas relações constituem, em princípio, itens de qualidade da pós-graduação e fazem parte do conjunto de recomendações do modelo de avaliação da CAPES.

Além disso, o compartilhamento de atividades na pós-graduação contribui para a formação de redes e para o fortalecimento e institucionalização da área enquanto campo de conhecimento científico. Talvez esse fraco compartilhamento de atividades se deva ao atual estágio de formação e de consolidação da pós-graduação em Administração no Brasil. Trata-se de área com pouco mais de 30 anos, com pequeno número de doutorados, nível de curso no qual a pós-graduação passa a ter mais condições para produzir conhecimentos e tecnologias. Dos 58 programas em funcionamento na época da pesquisa, apenas 15, cerca de 26% do total, tinham curso de doutorado (CAPES, 2007) e, dos 32 programas que participaram da pesquisa, oito, isto é, 25%, tinham curso de doutorado. A baixa reciprocidade poderia ser explicada, também, por questões de ordem administrativa, como falta de recursos financeiros ou de normas que facilitem parcerias entre programas visando, por exemplo, o intercâmbio de docentes e discentes e o aproveitamento de créditos em disciplinas.

Tabela 1 – Número de programas de pós-graduação em administração segundo a participação em relações recíprocas

Atividades	Pesquisas conjuntas	Produção intelectual	Realização de eventos científicos	Disciplinas compartilhadas	Inter-câmbio de professores	Inter-câmbio de estudantes	Comissões examinadoras
Número de programas envolvidos	08	07	08	0	04	02	23
% de relações recíprocas (100%=32)	25%	21,9%	25%	0	12,5%	6,3%	71,9%

Fonte: dados da pesquisa.

A maior incidência de relação recíproca da atividade ‘participação em comissões examinadoras’, indicada por cerca de 72% dos programas que participaram da pesquisa, pode ser explicada por se tratar de item específico do modelo de avaliação da CAPES, quesito Corpo Discente, Teses e Dissertações, com influência no conceito atribuído aos programas por ocasião da avaliação, realizada a cada três anos. As demais relações pesquisadas não representam itens específicos dessa avaliação, embora sejam consideradas importantes para a qualidade da pós-graduação pelo Comitê da Área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da referida agência (CAPES, 2006).

Com a estrutura da rede identificada, foram mensuradas as medidas estruturais básicas: o tamanho e a densidade da rede, a existência de subgrupos estruturais ou *cliques* e a centralidade dos programas. O Quadro 1 apresenta um resumo dessas medidas.

Medidas	Rede de programas pesquisada
Tamanho da rede	32 programas
Densidade	0,035 ou 3,5% (0,3835 desvio padrão)
Coesão	04 subgrupos na rede (mínimo de três atores): (1) PUC/RS, UFRGS e UNIVALI; (2) UFRGS, UNB e UNIVALI; (3) UFRGS, UNIFOR e UNIVALI; e (4) PUC/RS, UFRGS e UFSM
Centralidade	UFRGS (32.258), UNIVALI (19.355), UFLA (16.129), PUC-RS (12.903), PUC-SP (12.903) e UNIFOR (12.903)

Quadro 1 - Medidas estruturais básicas da rede de cooperação de programas de pós-graduação em administração
Fonte: dados da pesquisa.

A densidade da rede pesquisada é baixa, tendo em vista a existência de um grande número de buracos estruturais. Em uma matriz de 32x32, onde teoricamente seriam possíveis 992 indicações de relacionamentos, apenas 34 relações foram apontadas. Em outras palavras, menos de 3,5% dos relacionamentos possíveis na rede são efetivamente concretizados. Das relações existentes, tendo em vista o número de atividades compartilhadas, 68% são consideradas fracas, 26% são medianas, e 6% são fortes. Com relação à coesão, foram identificados quatro subgrupos na rede, todos formados por no mínimo três programas: (1) PUC/RS, UFRGS e UNIVALI; (2) UFRGS, UNB e UNIVALI; (3) UFRGS, UNIFOR e UNIVALI; e (4) PUC/RS, UFRGS e UFSM. O programa da UFRGS é o único participante de todos os quatro subgrupos. Esses subgrupos foram identificados unicamente com base na coesão estrutural da rede e não podem ser confundidos com os grupos regionais, discutidos mais adiante, que utiliza como critério, além da coesão estrutural, a localização geográfica dos programas. O fato de o programa da UFRGS ser o mais central era esperado porque se trata de programa conceito 6, refletindo a sua liderança e resultados alcançados na nucleação de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação na área de administração no Brasil. Associando esse resultado ao conceito de organizações em rede, tem-se como uma possível razão da centralidade do programa da UFRGS, a busca mútua por trocas repetitivas desse programa com programas de naturezas distintas e vice-versa; trocas baseadas na confiança e em relações sociais que protegem e aumentam as transações, bem como reduzem custos (BORGATTI; FOSTER, 2003). Outros programas que também podem ser considerados centrais na rede pesquisada são: UNIVALI, UFLA, PUC-RS, PUC-SP e UNIFOR.

A Tabela 2 apresenta os atributos dos 32 programas pesquisados quanto a: natureza da IES, conceito na CAPES e localização geográfica. Como pode ser observado, 53% desses programas são vinculados a instituições públicas, federal, estadual ou municipal. Os programas vinculados a instituições particulares representam 47% do total. Com relação ao conceito na avaliação da CAPES, 43,8% dos programas pesquisados apresenta nota 3 (Regular), enquanto 34,4% têm nota 4 (Bom), 15,6% tem nota 5 (Muito Bom) e apenas dois programas (6,2%) tem nota 6. Mais da metade (59,4%) dos programas atua na região Sudeste, principalmente no estado de São Paulo. Os outros programas dividem-se da seguinte maneira: 21,9% estão na região Sul; 12,5% na região Nordeste; e apenas um programa (3,1%) na região Centro Oeste e um programa (3,1%) na região Norte. Esses percentuais espelham a distribuição nacional dessas características para a população de programas em funcionamento à época da coleta de dados, o que confere representatividade às respostas obtidas em relação a cada atributo descrito.

Tabela 2 – Natureza da IES, conceito na CAPES e localização geográfica dos programas pesquisados

Instituição			Conceito			Localização		
Natureza	Número de programas	(%)	Nota	Número de programas	(%)	Região	Número de programas	(%)
Pública	17	53,0	3	14	43,8	Sudeste	19	59,4
Particular	15	47,0	4	11	34,4	Sul	07	21,9
Total	32	100,0	5	05	15,6	Nordeste	04	12,5
			6	02	6,2	C.Oeste	01	3,1
						Norte	01	3,1

Fonte: dados da pesquisa.

O Quadro 2 indica as linhas de pesquisa dos programas participantes do estudo.

Programa	Linhas de Pesquisa
FEAD	Estratégia; Organizações & Comportamento Organizacional.
FEI	Inovação e Tecnologia; Marketing; Organizações & Comportamento Organizacional.
FGV-SP	Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Gestão Social & Ambiental; Marketing; Operações & Logística; Organizações & Comportamento Organizacional; Sistemas de Informação.
FURB	Estratégia; Inovação & Tecnologia.
IMES	Marketing; Finanças & Adm. Financeira; Organizações & Comportamento Organizacional.
PUC-RJ	Finanças & Adm. Financeira; Marketing; Organizações & Comportamento Organizacional.
PUC-RS	Estratégia; Marketing; Sistemas de Informação.
PUC-SP	Estratégia; Gestão de Pessoas; Gestão Social & Ambiental; Marketing.
UECE	Estratégia; Inovação & Tecnologia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UEM/UEL	Inovação & Tecnologia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFBA	Administração Pública; Finanças & Adm. Financeira; Gestão Social & Ambiental; Inovação & Tecnologia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFES	Gestão de Pessoas; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFLA	Agronegócio; Gestão Social & Ambiental; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFRGS	Administração Pública; Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Gestão de Pessoas; Gestão Social & Ambiental; Inovação & Tecnologia; Marketing; Operações & Logística; Organizações & Comportamento Organizacional; Sistemas de Informação.
UFRJ	Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Gestão Internacional; Inovação & Tecnologia; Marketing; Operações & Logística; Sistemas de Informação.
UFRRJ	Agronegócio; Gestão de Pessoas; Inovação & Tecnologia.
UFSC	Finanças & Adm. Financeira; Operações & Logística; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFSM	Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Gestão de Pessoas.
UFV	Administração Pública; Organizações & Comportamento Organizacional.
UFU	Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Operações & Logística; Organizações & Comportamento Organizacional.
UMESP	Finanças & Adm. Financeira; Gestão de Pessoas; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNB	Administração Pública; Finanças & Adm. Financeira; Gestão de Pessoas; Inovação & Tecnologia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNESA	Inovação & Tecnologia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNIFACS	Organizações & Comportamento Organizacional.
UNIFOR	Administração Pública; Estratégia; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNIMEP	Estratégia; Gestão de Pessoas; Marketing; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNINOVE	Estratégia; Gestão de Pessoas; Inovação & Tecnologia; Marketing; Organizações & Comportamento Organizacional.
UNIR	Agronegócio.
UNISANTOS	Estratégia; Gestão Social & Ambiental.
UNIVALI	Estratégia; Gestão Social & Ambiental.
UPM	Estratégia; Finanças & Adm. Financeira; Gestão de Pessoas; Organizações & Comportamento Organizacional.
USP/RP	Finanças & Adm. Financeira, Gestão Social & Ambiental; Marketing; Operações & Logística.

Quadro 2. Programas de pós-graduação pesquisados e respectivas linhas de pesquisa.

Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 3 apresenta o número de programas atuantes em cada linha de pesquisa e a representatividade proporcional de cada linha.

Tabela 3 – Número de programas atuantes em cada linha de pesquisa

Linha de pesquisa	Número de programas	(%)	Linha de pesquisa	Número de programas	(%)
Organizações & Comp. Organizacional	22	68,8	Gestão Social & Ambiental	08	25,0
Estratégia	16	50,0	Operações & Logística	05	15,6
Finanças & Administração Financeira	13	40,6	Administração Pública	04	12,5
Inovação & Tecnologia	11	34,4	Sistemas de Informação	04	12,5
Marketing	11	34,4	Agronegócio	03	9,4
Gestão de Pessoas	10	31,2	Gestão Internacional	01	3,1

Fonte: dados da pesquisa

Esses dados mostram a predominância, entre os programas pesquisados, das linhas de pesquisa Organizações & Comportamento Organizacional, Estratégia, e Finanças & Administração Financeira, presentes em 68,8%, 50% e 40,6% dos programas, respectivamente. Algumas inferências podem ser levantadas para esses percentuais. A linha Organizações & Comportamento Organizacional é genérica e abarca a maioria dos temas relacionados com a ‘administração de organizações’, desde liderança até comportamento humano no trabalho, passando por estudos relacionados a teoria, poder, conflito e cultura em organizações, redes e relações intra e interorganizacionais etc. A linha relacionada com Estratégia também é genérica e possui fortes superposições com outras linhas como inovação, marketing e finanças. Quanto à alta incidência da linha Finanças & Administração Financeira, o resultado pode estar relacionado com participações de docentes originários da área de contabilidade em programas de pós-graduação em administração. Essa presença forte de linhas de pesquisa genéricas nos programas pesquisados pode representar, também, o fato de que a área de administração no Brasil encontra-se em fase de crescimento e consolidação, quando grupos de pesquisa e, conseqüentemente, programas de pós-graduação, ainda não contam com linhas de pesquisa claramente delimitadas, por falta de tradição de pesquisa.

Em posição intermediária aparecem as linhas Inovação & Tecnologia, e Marketing, presentes em 34,4% dos programas, Gestão de Pessoas, e Gestão Social & Ambiental, em 31,2% e 25% dos programas, respectivamente. No outro extremo, com representatividade pequena, encontram-se as seguintes linhas de pesquisa: Operações & Logística, presente em 15,6% dos programas, Administração Pública, e Sistemas de Informação, presentes em 12,5% dos programas e, finalmente, Agronegócio, e Gestão Internacional, presentes, respectivamente, em 9,4% e 3,1% dos programas pesquisados. Uma inferência para a baixa representatividade dessas linhas de pesquisa é o fato de elas abarcarem conteúdos mais específicos do que as linhas de pesquisa mais freqüentes.

Em seguida, as similaridades entre os programas que mantêm relações de cooperação são apresentadas graficamente. As Figuras 1 e 2, geradas por meio do cruzamento de dados primários e secundários, mostram as ligações existentes entre os programas pesquisados e indicam os atributos que são compartilhados entre esses programas. Nas figuras, os círculos representam os programas, o tamanho dos círculos representa a centralidade dos programas na rede e as linhas são as ligações entre os programas: as características das linhas indicam a

força das relações, de acordo com a legenda apresentada na figura. Alguns programas não mantêm relações recíprocas na rede pesquisada.

A Figura 1 indica que existem grupos regionais específicos, formados por programas que atuam na mesma região geográfica, sendo possível identificar quatro grupos. O primeiro é formado por seis programas, todos localizados no estado de São Paulo: PUC/SP, IMES, UNINOVE, UNIMEP, UMESP, e UNISANTOS. O segundo é formado por cinco programas localizados na região sul do país: UFRGS, PUC/RS, UEM/UEL, UNIVALI, e UFSC. O terceiro grupo é formado por cinco programas de três estados da região sudeste do país, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo: UFLA, UFU, UFV, UFRRJ, e UFES. E o quarto grupo é formado por três programas que atuam na região nordeste: UNIFOR, UNIFACS e UECE.

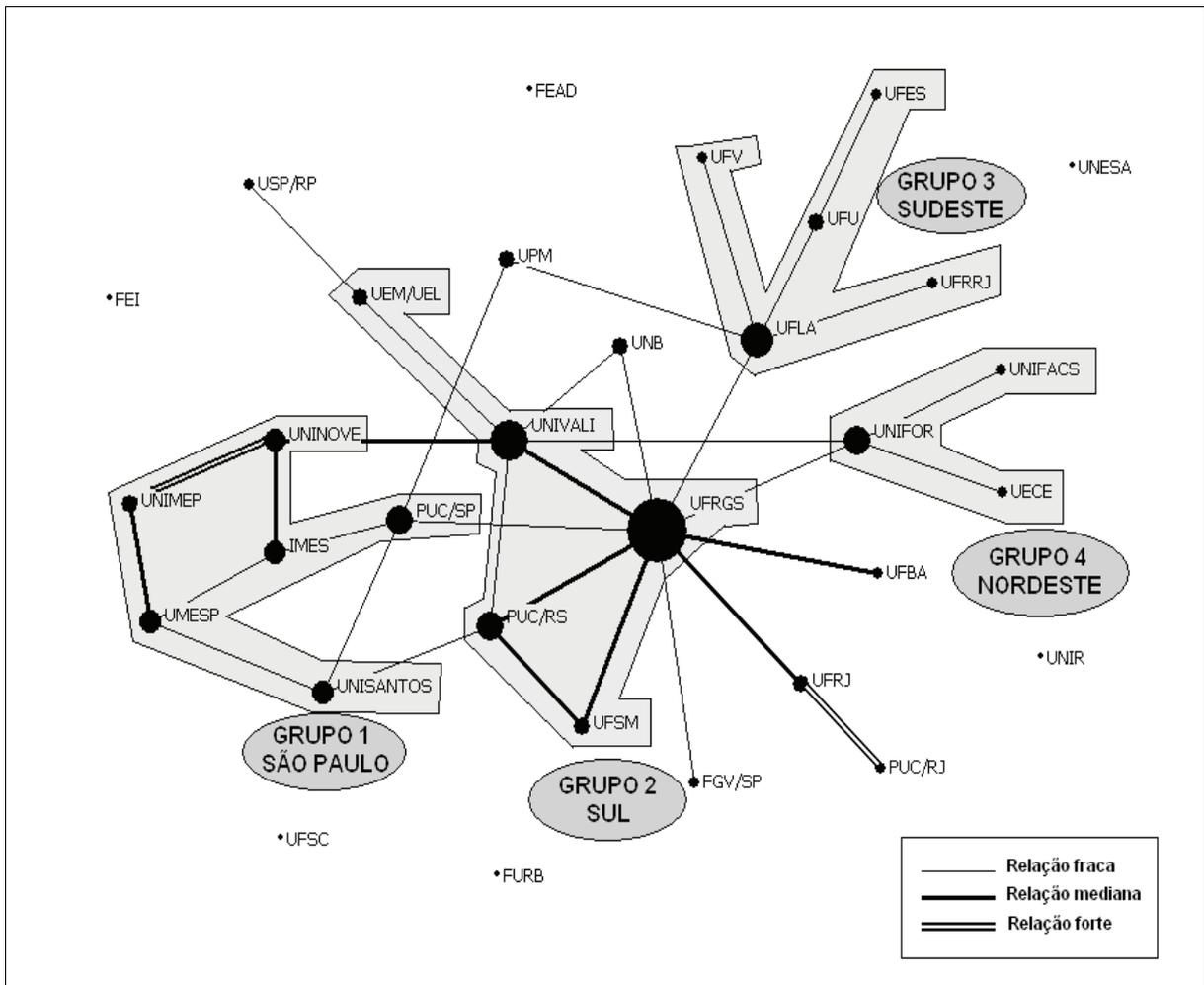


Figura 1 – Ligações e formação de grupos regionais entre os programas pesquisados.

Fonte: dados da pesquisa.

Katz et al. (2004) afirmam que a proximidade geográfica é um dos mecanismos mais importantes na formação de subgrupos em uma rede, resultado confirmado neste estudo. Entretanto, conforme pode ser observado na Figura 1, apesar da relativa proximidade geográfica do grupo 3 (programas localizados na região Sudeste do Brasil) com o grupo 1 (programas localizados no Estado de São Paulo), não se obteve interações diretas entre esses programas, mas mediadas principalmente por programas do grupo 2 (Região Sul). Nesse caso, ainda corroborando com Katz et al. (2004), o fator de similaridade que propiciou a distinção

destes grupos numa mesma região geográfica pode estar associado, entre outros, com as ligações afetivas entre os atores dos grupos.

Na Figura 2, os programas aparecem caracterizados conforme a natureza da IES à qual se encontram vinculados, pública ou particular. Os programas também são caracterizados em função de seus conceitos na CAPES – variação de 3 até 6. Como pode ser observado, na maioria das vezes, as ligações na rede não são definidas pela natureza da IES a que os programas pesquisados estão vinculados. Quanto a esse aspecto, podem ser observadas ligações entre programas similares e entre programas diferentes. O programa da UFRGS, por exemplo, mantém ligação com outros dez programas, cinco públicos e cinco privados.

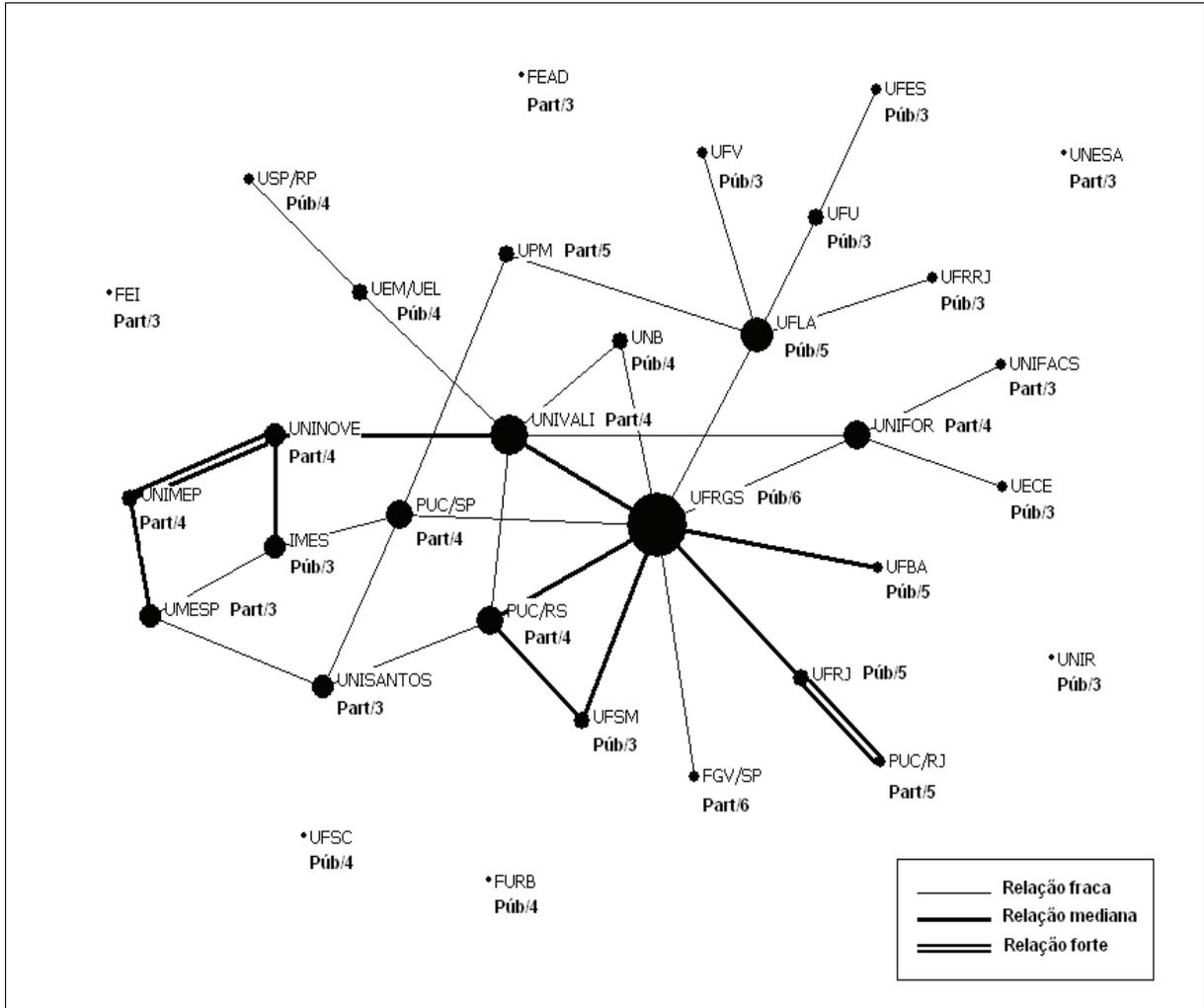


Figura 2 – Ligações, tipo de instituição e conceito dos programas pesquisados.

Fonte: dados da pesquisa.

Da mesma forma, a Figura 2 também indica que o conceito dos programas na CAPES não parece ser fundamental na definição da estrutura da rede, tendo em vista que, dentre os programas pesquisados, os dois com conceito 6 – maiores conceitos na rede –, UFRGS e FGV/SP, apresentam situações opostas. Enquanto o programa da UFRGS é central na rede, mantendo ligações com outros dez programas, o programa da FGV/SP mantém ligação com apenas um programa, a própria UFRGS. Contudo, observa-se que não há programa com conceito acima de 4 isolado da rede, o que indica que, embora o conceito da CAPES não pareça ser o principal fator para a estruturação da rede, ele pode influenciar no grau de centralidade do programa.

Quanto à diferença entre centralidade e prestígio, faz-se uma ressalva com base em Galaskiewicz e Burt (1991), denotando que esses parâmetros não podem ser confundidos, embora estejam associados. Enquanto o grau de centralidade é necessariamente calculado sobre todas as relações do sistema, o prestígio incide em relações assimétricas, ou mesmo em relações profundas. Assim, a análise de prestígio mostrou que o programa da FGV/SP recebeu diversas indicações de relacionamentos por parte de outros programas da rede, caracterizando com isso, considerável grau de prestígio na rede. No entanto, esse programa não confirmou a maioria das relações com outros programas, mas, apenas, sua relação com a própria UFRGS, o que resulta em sua posição periférica quanto à análise de centralidade.

Conclusões

Objetivou-se com o presente estudo investigar relações e a influência de atributos de programas de pós-graduação em Administração brasileiros na formação da rede de cooperação entre esses programas. Os resultados da pesquisa indicaram que, nas atividades verificadas, os relacionamentos entre os programas são esparsos e, na maioria das vezes, fracos. Esses resultados podem ser explicados por se tratar de área de conhecimento relativamente jovem no Brasil, em fase de maturação e de institucionalização. Ou seja, as atividades partilhadas e as parcerias ainda não são utilizadas, com a ênfase desejável, pelos programas da área pesquisada. A área de Administração no Brasil ainda carece de tradição em pesquisa. A sua produção intelectual ainda é apoiada fortemente em autores internacionais (BERTERO; KEINERT, 1994; VERGARA; CARVALHO JR., 1995; RODRIGUES; CARRIERI, 2001).

Os resultados também indicam que as linhas de pesquisa mais presentes nos programas da rede pesquisada são Organizações & Comportamento Organizacional, e Estratégia. Da mesma forma, a proximidade geográfica constitui-se como um possível fator de explicação para a formação de subgrupos na rede, associado à questão das ligações afetivas entre os atores dos subgrupos. Contudo, essa referência às ligações afetivas apóia-se mais na literatura do que nos dados coletados, uma vez que as ligações afetivas não foram foco deste estudo, que se centrou em relações no nível institucional e não individual. Notou-se ainda que, dentre as relações investigadas, a natureza da instituição não prevalece como fator preponderante para a constituição da rede. O fato de o programa ter natureza pública ou particular de nada influencia a escolha dos programas parceiros nos conteúdos relacionais verificados. Ainda, percebeu-se que a nota concedida pela CAPES não é decisiva no estabelecimento da estrutura das relações. As implicações desse resultado são preocupantes, pois indicam que alguns programas com nota cinco e seis, considerados como programas consolidados e, portanto, com a responsabilidade de nuclear a formação de novos grupos de pesquisa, estariam imersos na teia de relações como programas periféricos, não contribuindo de maneira direta para essa nucleação e, por consequência, no desenvolvimento e consolidação de programas com menor nível de desempenho. Políticas institucionais em prol da intensificação dessas trocas, por exemplo, por meio da realização de pesquisas conjuntas e intercâmbio de professores e estudantes, poderiam maximizar mecanismos de cooperação, os quais resultariam em relações mais frequentes, laços mais fortes e, portanto, maior fluxo de geração e intercâmbio de conhecimento interinstitucional.

Estudos futuros poderiam complementar a presente pesquisa com a população dos programas de pós-graduação em administração. Na questão teórica, outros estudos poderiam verificar como a estrutura da rede reflete no desempenho dos programas, com a análise, por exemplo, da produção intelectual. Além disso, seria interessante que outros tipos de ligações entre os programas fossem exploradas, como por exemplo, ligações informais entre membros e ligações formalizadas por grupos de pesquisas. O estudo de ligações no nível individual poderia fornecer indícios de como as relações afetivas entre atores pode ser fator mais

determinante para a estruturação da rede, do que o próprio conceito da CAPES, conforme sugerido nos resultados.

Referências

- ANCONA, D.; CALDWELL, D. Bridging the boundary: external activity and performance in organizational teams. **Administrative Science Quarterly**, n.37, p.634-665, 1992.
- BERTERO, C.; KEINERT, T. A evolução da análise organizacional no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v.34, n.3, p.81-90, 1994.
- BORGATTI, S.; EVERETT, M; FREEMAN, L. **Ucinet for Windows**: Software for Social Network Analysis. Harvard: Analytic Technologies, 2002.
- BORGATTI, S.; FOSTER, P. The network paradigm in organizational research: a review and typology. **Journal of Management**, n.29, v.6, p.991-1013, 2003.
- BURT, R. Structural holes and good ideas. **The American Journal of Sociology**, v.110, n.2, p.349-400, 2004.
- CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Critérios de Avaliação Trienal – Triênio Avaliado – 2004-2006 – Área de Avaliação: ADMINISTRAÇÃO/TURISMO**. Brasília. 2006. Disponível em: http://www.capes.gov.br/avaliacao/criterios/avaliacao_trienal_2007.html. Acesso em 06.04.2008.
- _____. **Cursos Recomendados**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>> Acesso em 07 de julho de 2007.
- COLLINS, R. **Theoretical Sociology**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1988.
- CROSS, R.; BORGATTI, S.; PARKER, A. Beyond answers: dimensions of the advice network. **Social Networks**, v.23, n.3, p.215-235, 2001.
- DIMAGGIO, J. Constructing an organizational field as a professional project: US art and museums, 1920-1940. In: POWELL, W.; DIMAGGIO, P. (Org.) **The New Institutionalism in Organizational Analysis**. Chicago: University of Chicago Press, p.267-292, 1991.
- DOREIAN, P.; WOODARD, K. L. Fixed list versus snowball selection of social networks. **Social Science Research**, v. 21, p.216-233, 1992.
- FREEMAN, L.; WEBSTER, C. Interpersonal proximity in social and cognitive space. **Social Cognition**, v.12, p.223-247, 1994.
- FRIEDKIN, N. Structural cohesion and equivalence explanations of social homogeneity. **Sociological Methods and Research**, v.12, p.235-261, 1984.
- GALASKIEWICZ, J.; BURT, S. Interorganization contagion in corporate philanthropy. **Administrative Science Quarterly**, v.36, n.1, p. 88-105, 1991.
- GNYAWALI , D.; MADHAVAN, R. Cooperative networks and competitive dynamics: a structural embeddedness perspective. **Academy of Management Review**, Ohio, v.26, n.3, p.431-445, 2001.
- GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v.91, p.481-510, 1985.
- IBARRA, H. Homophily and differential returns: sex differences in network structure and access in an advertising firm. **Administrative Science Quarterly**, v.37, p.422-447, 1992.

KATZ, N; LAZER, D; ARROW, H; CONTRACTOR, N. Network theory and small groups. **Small Group Research**, v.35, n.3, p.307-332, 2004.

KRACKHARDT, D. Assessing de political landscape: structure, cognition, and power in organizations. **Administrative Science Quarterly**, v. 35, p.342-369, 1990.

KRACKHARDT, D.; STERN, R. Informal network and organizational crises – an experimental simulation. **Social Psychology Quarterly**, v.51, n.2, p.123-140.

LAUMANN, E.; MARSDEN, P.; PRENSKY, D. The boundary specification problem in Network Analysis. In: FREEMAN, L.; WHITE, D.; ROMNEY, A. (Orgs.) **Research Methods in Social Network Analysis**. Fairfax: George Mason University Press, 1989.

MIZRUCHI, M. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **Revista de Administração de Empresas**, v.46, n.3, p.73-85, 2006.

NELSON, R. O uso da Análise de Redes Sociais no estudo das estruturas organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 24, n. 4, p.150-157, 1984.

PELLED, L.; EISENHARDT, K.; XIN, K. Exploring the black box: an analysis of work group diversity, conflict, and performance. **Administrative Science Quarterly**, v.44, p.1-28.

REAGANS, R.; ZUCKERMAN, E. Networks, diversity, and productivity: the social capital of corporate R&D teams. **Organization Science**, v.12, n.4, p.502-517, 2001.

RODRIGUES, S.; CARRIERI, A. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. **Revista Brasileira de Administração Contemporânea**, Edição Especial, p.81-102, 2001.

ROSSONI, L.; HOCAYEN-DA-SILVA, A.; FERREIRA JR, I. Aspectos Estruturais da Cooperação entre Pesquisadores no Campo de Ciência e Tecnologia: análise das redes entre instituições no Brasil In: **Anais do XXIX Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**, Gramado, 2006.

SCOTT, J. **Social Network Analysis: a handbook**. 2. ed. London: Sage Publications, 2000.

VERGARA, S.; CARVALHO JR. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. **Revista Brasileira de Administração Contemporânea**, v.1, n.6, p.169-188, 1995.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. New York: Cambridge Press, 1994.

ⁱ Embora seja possível o conceito 7 nenhum programa da área de administração detinha esse conceito na CAPES em 2007, época da coleta dos dados.